

O MEDO EM A RAINHA DA NEVE

Alauanda de Vasconcelos Fernandes (UFU)

laumione@hotmail.com

RESUMO: Os acontecimentos inexplicáveis do conto suscitam no leitor o estranhamento, o medo de não poder explicar logicamente um fato. Sendo assim, o medo, um dos sentimentos mais antigos que o homem pode sentir, é necessário para a construção do fantástico. Observando essa característica em *A Rainha da Neve* do autor Hans Christian Andersen, vemos que Kay, um menino pequeno, ao ficar preso na carruagem-trenó da Rainha, fica aterrorizado com a situação e, nesse momento, o medo de não conseguir voltar para casa, para os seus pais, sua avozinha e Gerda, sua melhor amiga, até mesmo o medo da morte, tomam conta dele. Por meio dessas incertezas que compõem o enredo do conto, o trabalho tem o objetivo analisar esse sentimento que assola o personagem pela incerteza de não saber o que poderia ocorrer com ele. O trecho analisado “A de um menino pequeno e uma meninazinha” faz parte da segunda história do conto, no qual vemos um destaque no temor, na angústia e no terror que o menino passa devido à iminência de seu coração se tornar um bloco de gelo. Passando por todas essas sensações, percebemos, enfim, que o fantástico se faz presente nessa atmosfera assustadora e desconfortante, na qual o garoto ficará aprisionado, com o coração gelado e sozinho no castelo de neve da Rainha, até que Gerda o encontre e o leve para casa.

PALAVRAS-CHAVE: Fantástico, Medo, Angústia, Morte, A Rainha da Neve.

O medo do desconhecido é um dos sentimentos mais antigo que o homem pode nomear. Acontecimentos estranhos e fatos impossíveis de explicação sempre estiveram presentes permeando nossas vidas e nos assustando. Em *A Rainha da Neve*, de Hans Christian Andersen, Kay sente um pouco dessa sensação ao ser levado pela Rainha da Neve para o seu reino gelado.

O autor dinamarquês viveu entre os anos de 1805 a 1857, ficando famoso pelos seus contos *A Pequena Sereia* (1837), *O Patinho Feio* (1843) e *A Vendedora de Fósforos* (1845). *A Rainha da Neve* é um dos menos conhecidos no Brasil, contudo é bastante lido nos países europeus, atualmente, sendo adaptado para o cinema na animação *Frozen: Uma aventura congelante* (2013).

O conto em questão é dividido em sete histórias e inicia-se com um bruxo que inventa um espelho que distorce o que era bom e o ruim. Ao se quebrar, seus pequenos pedaços se espalham pelo mundo. Esse pequeno resumo, refere-se à primeira história conhecida como “A que fala de um espelho e seus estilhaços”.

Em seguida, temos a segunda, intitulada “A de um menino pequeno e uma meninazinha”. Essa parte se inicia com a apresentação dos nossos personagens principais: Gerda e Kay. Criados como irmãos, os dois estavam sempre juntos seja nas brincadeiras ou para ouvir as histórias da avó. Um dia, a velhinha conta a eles sobre a existência da

Rainha da Neve. Nesse mesmo dia, antes de dormir, Kay tem um vislumbre da bela presença da mulher:

[...] o floco de neve começou a crescer mais e mais, tornando-se por fim a figura inteira de uma mulher vestida do mais fino tecido branco, que parecia costurado a partir de milhões de flocos estrelados. Era muito bela e encantadora, mas toda feita de gelo, de gelo brilhante que ofuscava, embora se mostrasse como um ser vivo. Seus olhos o olhavam como duas claras estrelas, mas não havia neles nenhum repouso ou calma. Ela fez sinal com a cabeça na direção da janela e acenou com a mão. O menino se assustou e pulou da cadeira ao chão; nesse instante, era como se diante da janela tivesse passado uma ave de grandes proporções. (ANDERSEN, 2013, p.4)

Ao surgir uma encantadora mulher a partir de um floco de neve, deparamos com o fantástico. O sobrenatural, visto aqui na forma da Rainha da Neve, surge sem qualquer explicação e Kay se assusta e cai da cadeira. De acordo com Todorov, o fantástico é

[...] um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Aquele que vive o acontecimento deve optar por uma das soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, um produto da imaginação, e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são. Ou então esse acontecimento se verificou realmente, e parte integrante da realidade; mas nesse caso ela é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é um ser imaginário, uma ilusão, ou então existe realmente, como os outros seres vivos, só que o encontramos raramente. O fantástico ocupa o tempo dessa incerteza; assim que escolhemos uma ou outra resposta, saímos do fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 2006, p. 129)

Dessa forma, por não saber explicar se aquela visão foi ou não realidade, o menino retoma a sua vida comum. Algum tempo depois, os dois amigos estavam sentados observando um livro de estampas de bichos e aves e, nesse momento, alguns dos estilhaços do espelho quebrado atingem o coração e o olho do pequeno Kay. Suas atitudes, em relação a Gerda mudam e ele passa a maltratá-la.

Certo dia, no qual a neve caía em flocos espessos, o garoto brincava com os meninos ariscos da cidade. Em determinado instante, ele avistou a carruagem-trenó da Rainha na praça da cidade, atrelou o seu trenozinho e a mulher o leva embora para o seu castelo.

Tendo como base a segunda história do conto, relatada brevemente, o objetivo deste trabalho é, tomando como base os estudos do fantástico e do medo, analisar o temor que irá tomar conta do menino ao perceber sua impossibilidade de se soltar da carruagem-trenó da Rainha.

Segundo Lovecraft (1987, p.1), “A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido.” Dessa forma, uma mistura de terror, pavor, ansiedade e medo da morte irão atingir Kay, quando ele se vê impossibilitado de se desatrelar da carruagem.

Por duas vezes a carruagem-trenó contornou a praça e, num instante, Kay atrelou nela seu próprio trenozinho, e agora seguia com ela. Andava cada vez mais depressa, chegando já à outra rua. Nesse momento quem dirigia a carruagem-trenó virou-se e amavelmente cumprimentou Kay; era como se conhecessem havia muito tempo. Cada vez que Kay pensava que era hora de desatrelar-se a pessoa voltava a cumprimentá-lo, e assim Kay prosseguia. (ANDERSEN, 2013, p. 7)

Sem nem ao menos tomar ciência sobre a pessoa responsável por conduzir a carruagem, levado pela sua curiosidade, Kay fica preso ao objeto. De acordo com Stephen King “O Desconhecido nos amedronta...mas nós adoramos dar uma olhadinha nele às escondidas. (2012, p.23, apud BILLY JOEL). Vendo-se nessa situação inesperada, o menino tenta sair dela. Contudo não consegue, pois a mulher cumprimentava-o amavelmente e, sentindo que já a conhecia, continuava permitindo que seu trenó ficasse ligado ao dela.

A ansiedade começa a tomar conta do menino, a neve começa a ficar forte e ele não consegue desamarrar a corda por mais que tentasse.

Num instante ultrapassaram a porta da cidade, e começou a nevar tão fortemente que o menino não conseguia enxergar um palmo adiante do nariz, enquanto prosseguiam em carreira desabalada. Kay tentou se livrar, desamarrando a corda que ligava à carruagem-trenó, mas não adiantou; seu trenozinho estava bem preso, e já agora andava à velocidade do vento. (ANDERSEN, p. 7)

King (2012, p.25) ressalta que a experimentação desse horror explícito, esse medo claro representado pela Rainha da Neve e as tentativas em vão de Kay tentar se soltar, o conduz a uma profunda sensação de ansiedade, tudo vai sendo deixado para trás, as pessoas que ele ama e sua cidade natal. Além disso, contribuindo para que o horror se torne maior, começa a nevar bastante.

Como representação do seu temor, o menino começa a gritar fortemente, mesmo não havendo quem possa ajudá-lo, devido à velocidade com que a carruagem da Rainha voava.

Ele então gritou em altos brados, mas não havia ninguém que o ouvisse, e a neve caía em flocos espessos, e o trenó voava; volta e meia dava um pulo, e era como se estivesse passando em disparada sobre valados e cercas. Aterrorizado, ele quis rezar um Padre-Nosso, mas tudo de que se

lembrava naquela hora era da tabuada de multiplicação. (ANDERSEN, 2013, p. 7)

O fato da carruagem-trenó ser capaz de voar assusta o garoto. Lovecraft (1987, p.2), ressalta que diante de uma situação inexplicável, a reação é sempre o medo e para fugir dessa sensação, o garoto tenta recorrer à religião, rezando um Padre-Nosso, a fim de afastar o profundo medo que toma conta dele. Contudo, apenas irá se recordar da tabuada da multiplicação.

Aos poucos, ele vai sendo levado para longe da cidade, das pessoas que conhecia e amava. Dessa forma, o menino deixa o conhecido rumo a um lugar completamente diferente. Esse fato faz com que Kay perca sua seguridade. De acordo com David Roas (2011, p.81), o fantástico tem o objetivo de desestabilizar o que acreditamos ser verdade. A realidade torna-se estranha, uma vez que há uma transgressão entre o espaço conhecido e não conhecido pela personagem.

Além disso, o fato de ele estar em um ambiente aberto, representado por uma forte nevasca, sem saber o que pode ocorrer logo adiante e, de acordo com Marilena Chauí (2009, p.33) o espaço aberto nos expõe ao nada, propiciando o mistério e o medo. Assim, a neve pesada faz com que Kay comece a ver galinhas brancas, ou seja, criaturas fantásticas voando em frente à carruagem da Rainha. Seu próprio trenozinho é amarrado em um desses animais.

Tendo em vista as ideias de Todorov e Roas (2011, p.88), percebemos que para o primeiro, o medo não é exclusivo dos acontecimentos fantásticos, pois não dependeria apenas das estruturas formais e temáticas de um texto, mas sim de seu leitor real. Todavia, contrariando esses estudos, o segundo autor, diz que para o fantástico ser criado é necessária presença do horror. Concordando com Roas, observamos no trecho anterior, que o garoto teme pelo que vá ocorrer com ele diante daquele temporal, fazendo com que ele veja essas aves.

A fim de que o menino não morresse congelado, ela o beija duas vezes, afastando o frio e o aconchegando em sua pele de urso para que o menino nada mais temesse. Durante o primeiro beijo, ele nos revela sua proximidade com a morte:

Ufa! O beijo dela era mais frio do que o gelo, chegando às funduras do coração, que, sabe-se, já tinha por sua vez transformado num meio bloco de gelo. Sentia-se o menino como se fosse morrer, mas esse desconforto durou pouco; logo começou a se sentir bem. Já não o incomodava o frio penetrante. (ANDERSEN, 2013, p. 7)

Ao receber o beijo, metade de seu coração transforma-se em um bloco de gelo e ele começa a sentir a proximidade de sua morte. Levando em conta os estudos de King, ele enfatiza que “todos nós concordaríamos que um dos grandes medos com que temos de lidar de modo estritamente pessoal é o medo da morte” (KING, 2012, p.124). A própria Rainha o alerta que se um terceiro beijo fosse necessário, ele morreria ao recebê-lo, mas o desconforto do frio cortante que o congelava passa rapidamente e ele o esquece, sentindo-se melhor.

Após esse momento de ansiedade e horror pela iminência da morte, o menino se esquece de todas as pessoas que ele ama, pois “(...) A Rainha da Neve beijou Kay de novo. A essa altura Kay já tinha se esquecido da pequena Gerda, da avó e de todas as pessoas de sua casa” (ANDERSEN, 2013 p. 7), perdendo, inclusive, o medo pela Rainha.

Kay olhou para ela: tão linda que era. Ele não podia imaginar que houvesse um rosto mais sábio e atraente. E nem parecia feita de gelo, como daquela vez em que a vira acenando para ele na janela. A seus olhos ela parecia completa, e já não sentia nenhum medo ao contemplá-la. (ANDERSEN, 2013, p. 7)

Vendo apenas beleza na mulher feita de gelo, ele sente-se atraído em contemplá-la e conta a ela todos os conhecimentos matemáticos que uma criança poderia saber. O medo havia esvaído, os beijos dela fizeram com que não houvesse motivos para temer o seu futuro incerto, uma vez que ela deixou de ser uma ameaça de morte. O menino não tenta buscar mais explicações sobre a existência desse ser, pois o sorriso dela, enquanto ele fala sobre sua vida, o acalma.

Nem mesmo diante dos sons fantasmagóricos de corvos grasnando, da forte tempestade e nevasca, criando de acordo com Lovecraft (1987, p.4) uma atmosfera de horror, Kay sente-se confortável na presença da mulher e dorme aquecido aos seus pés.

[...] Voavam então na nuvem escura a grandes altitudes, enquanto se ouvia a tormenta que grassava e zunia abaixo, mas a ele o som ameaçador embalava como se tivesse ouvindo velhas canções populares. Voavam sobre matas e lagos, sobre mares e países, Lá embaixo zunia o vento frio, os lobos uivavam, a neve faiscava e voavam por ali negros corvos grasnando esganiçados. Acima da nevasca brilhava uma lua grande e clara, e foi através dela que Kay viu lá embaixo a longa, longa noite hibernal. De dia, ele dormiu aos pés da Rainha da Neve. (ANDERSEN, 2013, p. 7)

Algumas estações se passam e todos acreditam que o menino está morto. Não aceitando a situação, sua melhor amiga, Gerda, parte de sua cidade e vive uma aventura

em busca de Kay. A menina encontra-se com animais e plantas falantes, príncipes e princesas, perigosos ladrões e mulheres dotadas de magia. Por fim, ela encontra o pequeno na fortaleza gelada da Rainha da Neve com o coração congelado. Contudo, as lágrimas quentes são capazes que desfazer o bloco de gelo e os estilhaços que se encontravam no olho e no coração dele. Assim, eles voltam para casa adultos e crianças na alma.

O medo está presente em todo o conto, principalmente, nas situações fantásticas vividas por Kay, como no surgimento da Rainha da Neve diante de sua janela e ao se atrelar na carruagem-trenó, levando-o de sua cidade natal. Seus temores aparecem em forma de gritos, em flocos de neve transformados em galinhas e na possibilidade de morrer pela nevasca, mas todos esses fatos são esquecidos ao receber os beijos gelados da bela mulher. Percebemos assim, diante dessa situação inesperada, esse sentimento estranho, denominado como medo, assola essa personagem diante da incerteza do que pode ocorrer com ele, levando-o a temer a morte nesse momento de perigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERSEN, Hans Christian. A Rainha da Neve. Belo Horizonte: Tessitura, 2013.

CANTON, Katia. Era uma vez Andersen. São Paulo: DCL, 2005.

CHAUI, Marilena. Sobre o medo. In: NOVAES, Adauto (Org.). Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 33-82.

KING, Stephen. Dança Macabra. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LOVECRAFT, Howard Phillips. Introdução. In: O horror sobrenatural na literatura. Trad. João G. Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

ROAS, David. El miedo. Tras los límites de lo real: Una definición de lo fantástico. Madrid: Páginas de Espuma, 2011, p. 79-107.

TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 2006.